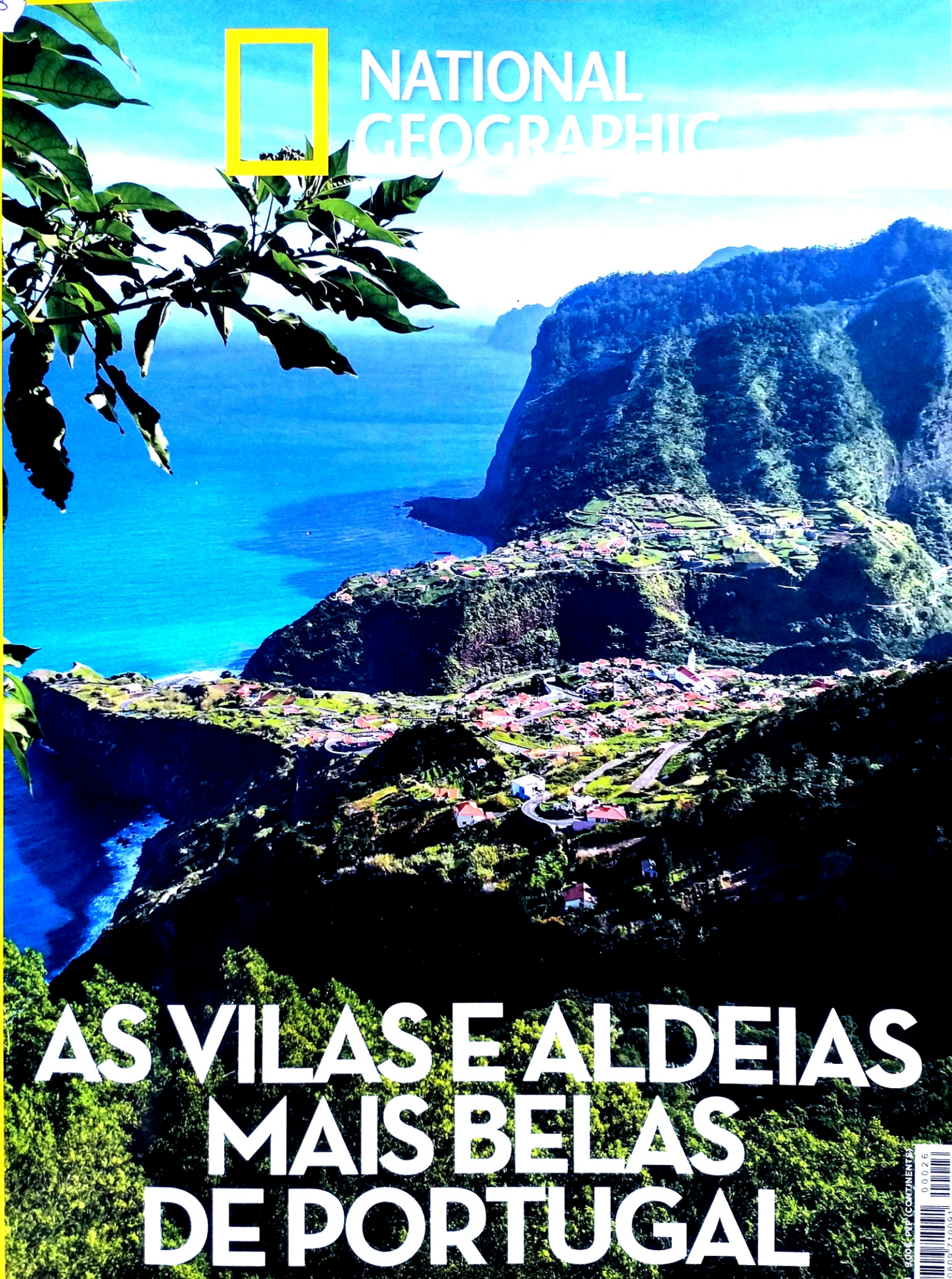




NATIONAL
GEOGRAPHIC



AS VILAS E ALDEIAS MAIS BELAS DE PORTUGAL

N.º 28 - 500€ PVP (CONTINENTE)

0.0026



5 608809 710091

EDIÇÃO ESPECIAL VIAGENS

AS VILAS E ALDEIAS MAIS BELAS DE PORTUGAL

© desta edição 2021, RBA Revistas, S.L.

GONÇALO PEREIRA ROSA, Director

HELENA ABREU, Coordenadora editorial

MÔNICA ARTIGAS, Subdirectora Área NG e edições internacionais

JOSAN RUIZ, Director Viajes NG Espanha

JOAN CARLES MAGRIÀ, Director de Arte

ANYFORMS DESIGN, Ilustrações e design

ANTÓNIO CARNEIRO (CASA DO CARETO, PODENCE), ANTÓNIO DOMINGOS ABREU (UNESCO-PROGRAMA BIOSFERA), ANTÓNIO LUÍS CAMPOS, CARLOS NETO DE CARVALHO (GEOPARK NATURTEJO), DANIEL REIS, ELISABETE RODRIGUES, EMANUEL DE CASTRO (GEOPARK ESTRELA), GONÇALO PEREIRA ROSA, HUGO MARQUES, JORGE DE OLIVEIRA (CHAIA/ UNIVERSIDADE DE ÉVORA), MANUEL VITORINO, MÁRIO RIO, PAULO ROLÃO, RUBEN NEVES, Textos
ELSA GONÇALVES, Revisão

RBA REVISTAS

LICENÇA DA NATIONAL
GEOGRAPHIC PARTNERS, LLC

RICARDO RODRIGO, Presidente

ANA RODRIGO, Editora

JOAN BORRELL FIGUERAS, Director-geral Corporativo

AUREA DIAZ ESCRIBU, Directora-geral

BERTA CASTELLET, Directora de Marketing

JORDINA SALVANY, Directora Criativa

ISMAEL NAFRÍA, Director Editorial

JOSEP OYA, Director-geral de Operações

RAMON FORTUNY, Director de Produção

Capital social: € 250.000

ACCIONISTAS - SÓCIO ÚNICO:

RBA Holding de Comunicación, S.L.U.

Depósito legal: B-8356-2021

ISSN 2696-7421



MÁRCIO SERRADO/GETTY IMAGES

Copyright © 2021 National Geographic Partners, LLC. Todos os direitos reservados. National Geographic e Yellow Border. Registered Trademarks® Marcas Registradas. A National Geographic declina qualquer responsabilidade sobre materiais não solicitados.

NATIONAL GEOGRAPHIC SOCIETY

CHIEF EXECUTIVE OFFICER: **Dr. Jill Tiefertalher**

SENIOR MANAGEMENT

PRESIDENT AND CHIEF OPERATING OFFICER: Michael L. Ulica

CHIEF DIVERSITY OFFICER: Shannon Bartlett

CHIEF COMMUNICATIONS OFFICER: Crystal Brown

CHIEF BUSINESS OPERATIONS OFFICER: Tara Bunch

CHIEF HUMAN RESOURCES OFFICER: Mara Dell

CHIEF SCIENCE AND INNOVATION OFFICER: Ian Miller

CHIEF EXPLORER ENGAGEMENT OFFICER: Alex Moen

CHIEF ADVANCEMENT OFFICER: Kara Ramirez Mullins

CHIEF EDUCATION OFFICER: Vicki Phillips

CHIEF LEGAL OFFICER: Sumeet Seam

CHIEF OF STAFF: Kim Waldron

CHIEF STORYTELLING OFFICER: Kaitlin Yarnall

CHIEF FINANCIAL OFFICER: Rob Young

BOARD OF TRUSTEES

CHAIRMAN: Jean M. Case

VICE CHAIRMAN: Katherine Bradley

Brendan P. Bechtel, Afsaneh Beschloss, Ángel Cabrera, Elizabeth Comstock, Jack Dangermond, Joseph M. DeSimone, Alexandra Grosvenor Eller, Jane Lubchenco, Kevin J. Maroni, Strive Masiyiwa, Mark C. Moore, George Muñoz, Lyndon Rive, Edward P. Roski, Jr., Frederick J. Ryan, Jr., Rajiv Shah, Ellen R. Stofan, Jill Tiefertalher, Anthony A. Williams, Tracy R. Wolstencroft

EXPLORERS-IN-RESIDENCE

Enric Sala

EXPLORERS-AT-LARGE

Robert Ballard, Lee R. Berger, James Cameron, Sylvia Earle, J. Michael Fay, Beverly Joubert, Dereck Joubert, Louise Leakey, Meave Leakey, Thomas Lovejoy, Rodrigo Medellín

NATIONAL GEOGRAPHIC PARTNERS

SENIOR MANAGEMENT

EDITORIAL DIRECTOR: Susan Goldberg

GENERAL MANAGER NG MEDIA: David E. Miller

DEPUTY CHIEF COUNSEL: Evelyn Miller

GLOBAL NETWORKS CEO: Courteney Monroe

HEAD OF TRAVEL AND TOUR OPERATIONS: Nancy Schumacher

CHIEF FINANCIAL OFFICER: Akilesh Sridharan

BOARD OF DIRECTORS

Jean M. Case, Rebecca Campbell, Josh d'Amaro, Karim Daniel, Nancy Lee, Kevin J. Maroni, Peter Rice, Frederick J. Ryan, Jr., Jill Tiefertalher, Michael L. Ulica

INTERNATIONAL PUBLISHING

SENIOR VICE PRESIDENT: Yulia Petrossian Boyle

Allison Bradshaw, Ariel Deiaci-Lohr, Kelly Hoover,

Diana Jaksic, Jennifer Jones, Leanna Lakeram, Rossana Stella

RBA PUBLIVENTAS

rbapubliventas.com

ARIADNA HERNÁNDEZ FOX, Directora-geral

M.ª LUZ MAÑAS, Directora comercial Madrid

mluz-m@rba.es - Tel.: 91 510 66 00

ANA GEA, Directora comercial Barcelona

ana-gea@rba.es - Tel.: 93 415 23 22

SERAFÍN GONZÁLEZ, Director de negócios digitais e serviços comerciais

IMPRESSÃO E ENCADERNAÇÃO

Rotimpress, S.A.

Pol. Ind. Casa Nova - Carrer del Pla de l'Estany s/n
1781 Aiguaviva (Girona), Espanha

DISTRIBUIÇÃO

VASP, Distribuidora de Publicações, SA

MLP - Media Logistic Park

Quinta do Grajal

2739-511 Aigualva - Cacém

Tel.: (351) 214 337 000

ATENDIMENTO AO CLIENTE

VASP-PREMIUM

Tel.: (351) 21 433 70 36

assinaturas@vasp.pt

ESPERANÇA A ARTE É A ÚLTIMA A MORRER

Em 1914, a aldeia da Esperança, no concelho de Arronches, entrou no roteiro dos estudiosos da arte rupestre da Europa.



A Igreja de Nossa Senhora da Esperança destaca-se do casário circundante. O templo data do século XVI.

A curiosidade e a perspicácia dos espanhóis da povoação vizinha de Albuquerque, Aurélio Cabrera e Hernandez Pacheco, permitiram então identificar e divulgar, cientificamente, o primeiro conjunto de arte rupestre esquemática em Portugal. Primeiro foi o Abrigo dos Gaivões, onde estranhos traços faziam adivinhar, na voz do povo, gaivões a esvoaçar – a Lapa dos Gaviões, assim lhe chamaram na oralidade raiana.

Pouco depois da descoberta, em plena Primeira Grande Guerra, o famoso pré-historiador francês, Abade Henri Breuil deslocou-se aqui para apreciar a grande descoberta. Não entenderam os guardas locais a língua estranha que falava e menos ainda a sotaina que trazia vestida e, confundido como espião alemão, logo lhe deram ordem de prisão. Depois, ao longo de todo o século XX e XXI, arqueólogos de diversas nacionalidades, mas sobretudo portugueses, identificaram na freguesia da Esperança o maior conjunto de abrigos com arte rupestre de características esquemáticas de Portugal.

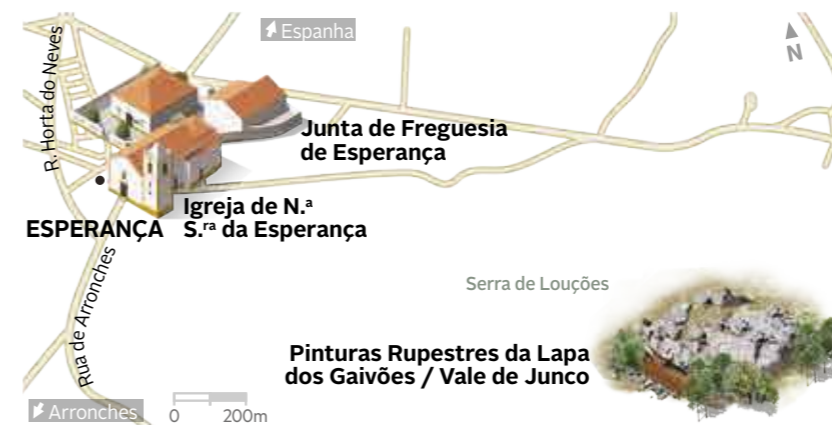
As cores predominantes destas pinturas variam entre o vermelho-escuro e o laranja-claro resultante de pigmentos minerais recolhidos



na base das cristas quartzíticas que coroam as cumeadas da aldeia da Esperança. Mas estes óxidos de ferro não ficaram esquecidos na pré-história. O ocre alaranjado misturado na cal, maioritariamente proveniente de terras de Marvão, permitia colorir as casas mais abastadas desta pequena freguesia. Esta mistura possibilitava maior impermeabilização das habitações e resistência dos revestimentos. Porém, a variante cromática que nesta freguesia se encontra reflecte-se igualmente e alicerça-se na tradição milenar da arte parietal.

Raras são as habitações – modestas ou abastadas – que não apresentem variados, pitorescos e simbólicos elementos gráficos nas fachadas, chaminés, portas e janelas desta pequena aldeia. Desde os inspirados e recortados “alisares” que emolduram portas e janelas às majestosas chaminés profusamente decoradas e com sinalética expressionista da profissão dos seus proprietários, a mensagens escritas, algumas autênticos testamentos, ou testemunhos de herança, de tudo se encontra nas fachadas destas casas, onde numa os recursos financeiros dos seus proprietários permitiram perpetuar, em azulejo, a saudade do velho canídeo, de seu nome *Piloto*.

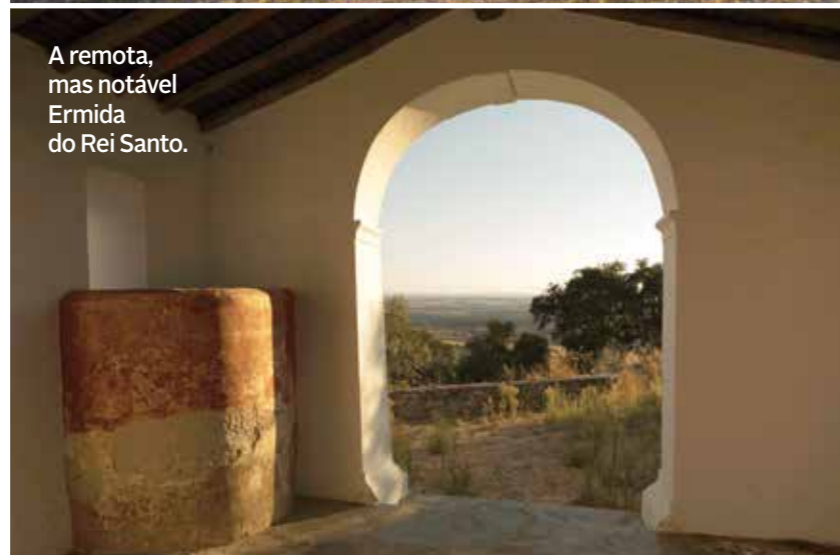
A arte parietal pré-histórica que se encontra nos abrigos renovou-se nas fachadas das casas desta pequena aldeia. Envolve-se a povoação em torno do centenário templo dedicado a Nossa Senhora da Esperança, sua padroeira. O templo cristão desenvolveu-se a partir de uma islâmica *quibla* (Cuba) que hoje configura o altar-mor do templo quinhentista, também ele profusamente decorado com frescos e azulejos.



Lendas, histórias de encantar de bezerras de ouro e estranhas luzes que se acendem em noites mais escuras e sinos que se ouvem nos cerros vizinhos confundem-se com vestígios arqueológicos que justificam a presença de tantos abrigos com arte rupestre por estas paragens. Lá do alto da serra do Cavaleiro onde se rasga a mais fantástica gruta com arte rupestre, avista-se o apelativo santuário do Rei Santo, que encima as muralhas, já diluídas, do que foi um eminente povoado pré-histórico e que em épocas de guerras fronteiriças serviu de atalaia.

É um local de forte devoção onde acorrem gentes de todas as paragens que cá vêm pagar promessas ao “Senhor Rei Salvador do Mundo”. Assente sobre uma proeminente *quibla* (Cuba) transformada na centúria de quinhentos em santuário cristão é profusamente decorado. Lá mais em baixo, não longe das antas da Nave Fria, águas frescas e curativas consolam os peregrinos que se atrevem a subir a pé ao santuário e pagar a promessa anual.

Do contrabando, especialmente café, de torrefacção local, de seu nome próprio Caracolilho, desti-



A remota, mas notável Ermida do Rei Santo.

nado quase exclusivamente a Espanha, viveram as gentes menos abonadas da Esperança, a curta distância da vizinha Codosera e sobretudo da confusa povoação

do Marco. El Marco do lado de Espanha, o Marco do lado de Portugal, povoações irmãs mas separadas por estreita ribeira transposta pela ponte internacional que se diz ser a mais pequena do mundo, onde um pé se distende para Espanha e outro se apoia em Portugal. Por estas terras não se fala nem português, nem espanhol e todos se entendem num linguarejar raiano.

A ribeira de Abrilongo separa os dois países, mas como fonte de vida que é, mais aproximou os dois povos. As gentes da raia portuguesa peregrinam ao Santuário Mariano de Chandavila, para os lados da Codosera, procurando a protecção da milagrosa Mãe celestial,



A ponte do Marco, uma das mais pequenas fronteiras do mundo.

FOTOGRAFIAS DE RICARDO LOURENÇO



O acesso aos abrigos de arte rupestre foi facilitado pela construção de passadiços.

enquanto os da raya de lá, em Agosto, rezam à Senhora da Esperança em território português.

Os suculentos vinhos que por terras lusas, sobretudo nos vales do Junco e Hortas de Baixo, se produzem cativam os vizinhos espanhóis que, no entardecer dos verões quentes, enchem as tabernas da Esperança, enquanto a mais desoras os portugueses procuram as esplanadas frescas da vizinha Codosera provando o que por lá se cria, sempre ensaiando o linguarejar raiano em que se entendem.

A arte milenar que os visitantes hoje procuram nas dezenas de grutas e abrigos dos arredores da Esperança, porque muito frágil,

A arte rupestre de Esperança entrou por direito próprio para a história portuguesa. Foi aqui que se identificaram as primeiras pinturas do país.



deve ser visitada com a mesma sensibilidade como as mãos dos pré-históricos de há mais de cinco mil anos souberam preparar as tintas com que ilustraram tectos e paredes e que, sabiamente, che-

garam até nós e se reinventam nas fachadas e chaminés das casas da aldeia da Esperança, onde também a arte é a última a morrer.

TEXTO DE JORGE DE OLIVEIRA